



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



GABRIEL FERREIRA SANTOS

**ENFRENTANDO A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NO
ENSINO/TREINO DO FUTEBOL:**

relato de experiência em um projeto social liderado por uma entidade estudantil

Limeira
2020



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



GABRIEL FERREIRA SANTOS

ENFRENTANDO A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NO ENSINO/TREINO DO FUTEBOL:

relato de experiência em um projeto social liderado por uma entidade estudantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências do Esporte à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Alcides José Scaglia

Limeira
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Sueli Ferreira Júlio de Oliveira - CRB 8/2380

Santos, Gabriel Ferreira, 1993-
Sa59e Enfrentando a masculinidade hegemônica no ensino/treino do futebol : relato de experiência em um projeto social liderado por uma entidade estudantil / Gabriel Ferreira Santos. – Limeira, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Alcides José Scaglia.

Coorientador: Luis Felipe Nogueira Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Masculinidade. 2. Futebol. 3. Projeto social. I. Scaglia, Alcides José, 1972-. II. Silva, Luis Felipe Nogueira. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Facing hegemonic masculinity in football teaching/training: experience report in a social project lead by a student entity

Palavras-chave em inglês:

Masculinity

Football

Social project

Titulação: Bacharel em Ciências do Esporte

Data de entrega do trabalho definitivo: 07-01-2021

Autor: Gabriel Ferreira Santos

Título: Enfrentando a masculinidade hegemônica no ensino/treino de futebol: relato de experiência em um projeto social liderado por uma entidade estudantil

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências do Esporte

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas

Aprovado em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcides José Scaglia – Presidente
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Prof. Ms. Luis Felipe Nogueira Silva – Co-orientador
Faculdade de Ciências Aplicadas (FEF/UNICAMP)

Prof. Mestrando Lucas Isamu Tamashiro – Avaliador
Faculdade de Ciências Aplicadas (FEF/UNICAMP)

Este exemplar corresponde à versão final da monografia aprovada.

Prof. Dr. Alcides José Scaglia
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, principalmente meus pais, que me apoiaram de todas as maneiras possíveis mesmo discordando de algumas escolhas minhas, durante esses 4 longos anos de graduação. Além disso, só cheguei até aqui graças ao esforço e dedicação deles a mim e minhas irmãs desde que nascemos, e por isso, serei eternamente grato e num futuro próximo, poderei retribuir tudo o que sempre fizeram por mim.

Também quero agradecer meus amigos e amigas, tanto os mais antigos quanto os que conheci durante a graduação, que me ajudaram e curtiram muito comigo todos esses anos, dividiram experiências, momentos bons, ruins e até moraram comigo. Sem eles também eu não estaria aqui e com certeza a faculdade não teria sido uma das experiências mais prazerosas que tive a oportunidade de desfrutar até o momento.

E é claro, por último e não menos importante, tenho que agradecer (e muito!) meus orientadores que me ajudaram a construir esse trabalho de forma tranquila, pelo planejamento excelente e dedicação que tiveram comigo, além do interesse gigantesco no trabalho. Sem sombra de dúvida, se não fosse por eles esse trabalho não teria nem a metade da qualidade que tem, e o processo da construção do mesmo teria sido muito mais difícil. Também aproveito esse espaço para dizer meu muito obrigado a todos/as os/as professores/as e funcionários/as da FCA, que me proporcionaram um aprendizado, estrutura, suporte e até mesmo refeições de altíssima qualidade.

MUITO OBRIGADO!

DEDICATÓRIA

Dedicado a todos os oprimidos e todas as oprimidas, e à sua emancipação.

SANTOS, Gabriel Ferreira. Título: Enfrentando a masculinidade hegemônica no ensino/treino de futebol: relato de experiência em um projeto social liderado por uma entidade estudantil; 2020. n.º. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2020.

RESUMO

O estudo foi baseado em experiências pessoais dentro do Projeto Social Raízes do Esporte, liderado por estudantes da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP. As experiências foram relatadas e analisadas para discutir o enfrentamento da masculinidade hegemônica no ensino/treino de futebol. Além disso, caminhos e soluções foram propostos, visando minimizar os efeitos da masculinidade hegemônica no ambiente do ensino/treino de futebol e na sociedade no geral, pautados em teorias e propostas pedagógicas de autores importantes e renomados. Concluiu-se que uma reeducação crítica e emancipatória parece ser o ponto chave para que a influência da masculinidade hegemônica entre crianças e adolescentes seja minimizada, conseqüentemente diminuindo preconceitos de gênero e de outras origens. Portanto, mais estudos e pesquisas sobre o tema devem ser realizados, para que essas medidas possam ser cada vez mais visadas e adotadas por instituições e escolas de futebol.

Palavras-chave: Masculinidade hegemônica. Futebol. Projeto social.

SANTOS, Gabriel Ferreira. Title: Facing hegemonic masculinity in football teaching/training: experience report in a social project lead by a student entity; 2020. nºf. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2020.

ABSTRACT

The study was based in personal experiences inside the Social Project Raízes do Esporte, lead by students from the University of Applied Sciences of UNICAMP. The experiences were reported and analised so it was possible to discuss the confronting against the hegemonic masculinity in football teaching/training. Further more, ways and solutions were proposed, aiming to minimize the effects of the hegemonic masculinity in football teaching/training environment and in society in general, which were based on pedagogic theories and proposals from important and reputed authors. It was concluded that a critical and emancipatory reeducation seems to be the key point so that the influency of the hegemonic masculinity between children and teenagers is minimized, consequently reducing gender prejudices and prejudices from other origins. Therefore, more studies and researches about the theme should be done, so that these measures become more known and adopted by institutions and football schools.

Keywords: Hegemonic masculinity. Football. Social project.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
FCA	Faculdade de Ciências Aplicadas
PME	Pequenas e Médias Empresas
Suj.	Sujeito

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo Geral	11
2.2 Objetivos específicos	11
3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	11
3.1 Revisão bibliográfica	11
3.1.1 Masculinidade hegemônica: conceitos	11
3.1.2 A masculinidade na Educação Física	14
4. METODOLOGIA	17
5. RELATO DE EXPERIÊNCIA	18
6. PEDAGOGIA DO JOGO VERSUS MASCULINIDADE HEGEMÔNICA	22
7. CONCLUSÃO	25
8. REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

‘No jogo, as máscaras caem. Se quiser conhecer uma pessoa, faça isso jogando’. A frase, celebrada pelo Prof. Alcides Scaglia, soa familiar às pessoas próximas do ambiente esportivo e da Educação Física ao reverberar que elas revelam como são, de fato, as vezes se transformam e deixam exposta sua essência. Pelo bem e pelo mal.

Desse cair das máscaras, não é incomum que indivíduos do sexo masculino se sintam obrigados a mostrar ao resto do mundo o quanto são machos, homens ‘de verdade’. São impelidos a demonstrar um estereótipo de sujeito que reúne determinado conjunto de habilidades motoras, comportamentos agressivos e até mesmo características físicas que, segundo a nossa sociedade, o fazem ser mais homem que os outros.

Esse fenômeno é denominado pela literatura científica como masculinidade hegemônica. Trata-se de um tipo de masculinidade que pressupõe ser dominante em relação a outros tipos de masculinidades, ou seja, indivíduos que não se encaixam nos moldes da hegemonia idealizada por essa parcela do gênero masculino, como deficientes físicos, homossexuais e as mulheres. O que não significa que sujeitos a sofrerem repressões pela masculinidade hegemônica mesmo indivíduos heteronormativos, que não possuem algum tipo de deficiência, e, supostamente, encaixam-se nos padrões sociais, culturais e comportamentais hegemônicos.

A atividade física e a prática esportiva servem para legitimar a masculinidade hegemônica (CONNELL, 1996). No Brasil, preferir o voleibol ou a ginástica, tidos como modalidades femininas ao futebol e o automobilismo, ou mesmo, não denotar aptidão à performance física, é um ‘risco’. Portanto, mesmo no âmbito esportivo, educar as crianças criticamente, como propõe Freire (1979), parece ser o caminho mais importante e seguro para que possamos combater a masculinidade hegemônica e suas influências negativas entre crianças e adolescentes, e, num contexto geral, na sociedade em que vivemos. Portanto, estudos como este são de extrema importância para investigarmos os métodos mais eficazes no enfrentamento da masculinidade hegemônica e de suas implicações em diferentes grupos sociais.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Descrever a influência da masculinidade hegemônica em um contexto de iniciação esportiva voltado ao futebol.

2.2 Objetivos Específicos

Verificar as nuances que influenciam no evocar da masculinidade hegemônica entre crianças e adolescentes

Desvelar o papel de treinadores e treinadoras de futebol na iniciação esportiva com vistas à reeducação e ressignificação com vistas ao combate da masculinidade hegemônica.

Descrever valores éticos e morais de uma organização sócio esportiva.

3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

3.1 Revisão Bibliográfica

3.1.1 Masculinidade hegemônica: conceitos

Os primeiros estudos que abordaram a temática do feminismo, apesar de não permitirem a participação de homens e até mesmo do estudo da masculinidade, já que as feministas argumentavam que os homens eram os únicos beneficiados pelo sistema de gênero e, portanto, não mereciam ser objetos de estudo foram os pioneiros do processo de estudo dos gêneros, visando dar voz às mulheres. Graças a tais estudos, autores e autoras das mais diversas áreas científicas e sociais vêm demonstrando interesse no estudo da masculinidade nos últimos anos, e é por esse motivo que podemos afirmar que o conceito de masculinidade varia historicamente, e, portanto, não é algo estático que terá sempre a mesma definição: “*A masculinidade, assim como a feminilidade, é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional*” (CONNELL, 1995; KIMMELL; MESSNER, 1995; GARDINER, 2005; BOTTON, 2007).

Muitos estudos antropológicos mostram que várias sociedades possuem uma tendência “natural” de diferenciar e classificar os papéis dos gêneros como extremos opostos, ou ainda como se um complementasse o outro. Mas o que significa ser um homem? Para Vale de Almeida (1996), a resposta para essa pergunta pode ser encontrada ao analisarmos todos os comportamentos, valores morais e sociais, além dos aspectos físicos e mentais que são requeridos de um indivíduo do sexo masculino para ser considerado um homem.

“Ser um homem” é um processo em construção constante, ou seja, que ocorre diariamente nas interações sociais e que se baseia não apenas em aspectos sexuais, mas, sim, por um conjunto de comportamentos que seguem a norma social da heterossexualidade e, portanto, excluem a bi ou a homossexualidade, além de aspectos morais que são frequentemente reavaliados, lembrados e que ainda podem ser alterados. O mesmo se poderia dizer se comparassem, ao invés de opções de orientação sexual, classes sociais, níveis de instrução, afiliações étnicas ou religiosas ou quaisquer outros níveis de identidade social que se cruzem com o gênero.” (VALE DE ALMEIDA, 1996; 2000).

Para Connell (1995), existem diferentes tipos de masculinidades que são correspondentes ao modo em que os homens se encontram inseridos na estrutura social, política, econômica e cultural, além de diferentes trajetórias e estágios nos quais esses indivíduos estão em suas vidas. Por isso, acredita-se na existência de uma diversidade de masculinidades, dentre as quais estão a hegemônica, a marginalizada, a subordinada e a cúmplice.

As masculinidades são produtos de uma complexa série de fatores sociais que se encontram inseridas em determinada sociedade ou cultura. Porém, nas culturas ocidentais parece haver dois fatores em comum: o benefício de apenas um dos gêneros e uma masculinidade hegemônica, dominante em relação às outras masculinidades e, principalmente, em relação aos outros gêneros e indivíduos que não se encaixam nos padrões e normas estabelecidos pela sociedade que definem um ser como “homem” (CONNELL, 1995).

Os indivíduos do sexo masculino que não são considerados como pertencentes à masculinidade hegemônica, ou seja, aqueles que não possuem

todos os atributos social e culturalmente necessários para serem considerados homens, ou ainda, que não possuem ascensão social suficiente para serem vistos e aceitos como “homens de verdade” pelos olhos da sociedade, fazem parte de outro tipo de masculinidade, geralmente nomeada por muitos autores e autoras como marginalizada (CONNELL, 1995; 1996; MATOS, 2001; SANTOS, 2016).

Quando tratamos de masculinidade hegemônica e masculinidade marginalizada, cria-se a ideia de que ambas são opostas, o que não é verdade. Os indivíduos que fazem parte da masculinidade marginalizada ainda possuem benefícios por serem biologicamente pertencentes ao gênero masculino, e, por isso são socialmente dominantes em relação às mulheres e às pessoas que fazem parte de outros gêneros que não seguem o padrão cis-heteronormativo¹, que é considerado para a sociedade em geral como o único modo correto de ser. Ou seja, estes indivíduos, que na sua grande maioria são pretos e de outras etnias e minorias sociais desfavorecidas, ainda podem ser considerados “homens”, mas talvez não sejam “homens de verdade”, simplesmente porque nunca terão oportunidades de ascensão social e material necessárias para fazerem parte do seletivo grupo que pode usufruir dos benefícios da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995; 1996).

Os padrões normativos impostos que somos obrigados a seguir para sermos aceitos como “homens” ou “mulheres”, são originados em diversas raízes que são pilares da sociedade na qual vivemos, como a religião e a educação (CONNELL, 1996). No Brasil, por exemplo, segundo a pesquisa Datafolha realizada em dezembro de 2019, 49% dos homens se declaram católicos, e 42% evangélicos, ou seja, é muito provável que a maioria dos filhos e filhas desses homens cresçam em famílias que sigam muitos dos valores conservadores religiosos que delimitam seus hábitos e comportamentos de acordo com seus sexos.

No caso dos meninos, eles já crescem em um meio fortemente masculinizante e têm suas identidades baseadas em referenciais religiosos, que não são tolerantes a outros tipos de gênero que não sejam heteronormativos. Porém, isso pode ser ainda mais grave se algumas outras circunstâncias estiverem presentes, como uma educação de baixa qualidade (CONNELL, 1995; 1996).

¹ Padrão em que as pessoas são classificadas por gênero (masculino e feminino) de acordo com seu sexo biológico, além de serem vistas somente como heterossexuais, ou seja, não existindo a possibilidade de outras manifestações de gênero e/ou sexuais.

Nas escolas brasileiras, o debate sobre sexualidade e orientação sexual é praticamente não existente, pois apenas são considerados, pela sociedade brasileira em geral, incluindo as escolas, dois possíveis caminhos como normais: ser homem ou mulher, ambos heterossexuais: “*A sociedade nasce com a divisão sexual e, na linguagem de hoje, com a definição de dois gêneros.*” (VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 73). Por tal motivo, crianças que possuem tendências a não seguirem os padrões heteronormativos tendem a ser excluídas socialmente desde a infância, e as regras disciplinares, organizacionais e principalmente, os professores e professoras, possuem grande influência nisso.

Portanto, pode ser considerado natural que uma criança que cresce ensinada a todo o momento a ser um homem hétero, sem espaço para o diálogo sobre sexualidade, nem dentro da sua própria casa e, muito menos dentro da escola, seja no ensino fundamental ou médio, tenha uma forte tendência a desenvolver uma socialização que não seja tolerante a outros gêneros que não sejam heteronormativos, ou seja, se transforme em uma pessoa extremamente preconceituosa. Além disso, este indivíduo provavelmente irá reproduzir sua masculinidade hegemônica e/ou marginalizada durante toda a extensão da sua vida, o que talvez, possa ser um dos principais fatores que contribuem para que as taxas de feminicídio e crimes contra travestis, homossexuais e transgêneros sejam tão altas no Brasil (SAFFIOTI, 2010; SOARES; CHARLES; CERQUEIRA, 2019).

3.1.2 A masculinidade na Educação Física

Historicamente, a Educação Física é uma área que fundamentou seus conhecimentos na área biológica e utilizou o sexo como principal componente para justificar as capacidades físicas e habilidades de atletas e praticantes de esporte. Louro (2004, p. 74), porém, destaca que a Educação Física é “*um palco privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças*”, e também para a construção de representações de masculinidades e feminilidades, que apesar de não serem representações estáticas, acabam genderizando os corpos de meninos e meninas de todas as idades.

O processo de genderização presente no esporte e também na Educação Física, ocorre através de discursos, saberes e práticas sociais que existem na área, além de diversos componentes como a musculatura dos corpos, os movimentos e gestos, e os equipamentos esportivos (LOURO, 2004). Para Felipe (2007), esses componentes marcam, distinguem e genderizam os corpos porque, na nossa sociedade, eles possuem significados que estão atribuídos ao masculino e ao feminino, e que muitas vezes são utilizados para justificar a participação de homens e mulheres em diferentes modalidades esportivas.

“Para ampliar as discussões em torno do gênero e da sexualidade, é fundamental observar de que forma, na nossa cultura e em outras também, os vários grupos sociais elaboram minuciosas estratégias de controle sobre os corpos masculinos e femininos, criando expectativas em torno deles, estabelecendo padrões de comportamento aceitáveis ou inaceitáveis, categorizando-os como normais ou anormais.” (FELIPE, 2007, p. 80)

Um exemplo disso acontece na ginástica rítmica, onde a gestualidade é justificativa para uma maior adesão das mulheres ao esporte. Por outro lado, nas modalidades de luta, a musculatura, agressividade e força são justificativas para uma maior adesão dos homens a essas modalidades, e todo esse processo acaba gerando preconceitos que afetam os homens e mulheres que vão à contramão dessas justificativas socialmente aceitas (SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P.; GOELLNER, S.V.; 2008). Para Connell (1996), a masculinidade hegemônica é sustentada nas práticas institucionais presentes na nossa sociedade e também, na Educação Física, que é um espaço onde frequentemente se reproduz a ordem de gênero e também se celebra uma masculinidade bem específica.

Habilidades como força, poder e performance representam os padrões dos homens no esporte, e, por isso, são dominantes durante as práticas da Educação Física, já que o esporte, desde suas origens, sempre foi um campo dominado pelos homens. Isso faz com que os meninos aprendam que tudo que for o oposto de força, poder e performance, como a suavidade, fraqueza e a incompetência física e

motora, sejam atributos associados às meninas, e que, portanto, não podem fazer parte de suas performances durante as práticas (CONNELL, 1995; 1996).

Por esse motivo, quando um menino é comparado com uma menina ou perde para uma durante uma prática esportiva, fica bem claro que seu “orgulho masculino” foi profundamente atingido e até mesmo ofendido (GRIFFIN, 1989). Além disso, apesar de o ambiente da educação física e do esporte ser muito menos acolhedor e receptivo em relação às mulheres do que aos homens, meninos e homens também são muitas vezes inibidos e desmotivados a participarem desses ambientes, devido a forte pressão causada por uma masculinidade hegemônica que os obrigam a apresentarem comportamentos e padrões corporais que faça referência a virilidade (SILVA; BOTELHO-GOMES; GOELLNER, 2008).

Silva, Botelho-Gomes e Goellner (2008) acreditam que professores e professoras são figuras essenciais para mudar os discursos e práticas que alimentam as hegemonias masculinas e femininas durante as aulas de educação físicas, pois suas interações com os alunos correm o risco reproduzir essas mesmas práticas e discursos, uma vez que não se encontram sensibilizados com a questão. Assim, há necessidade de que o debate construtivo sobre o respeito às identidades de gênero estejam presente na formação docente desde sua iniciação. Só assim os/as docentes se conscientizarão e poderão conscientizar seus alunos e alunas, com o objetivo de produzirem um ambiente mais equitativo e livre de preconceitos, no qual todos e todas possam desfrutar dos prazeres de serem fisicamente ativos, sem medo de julgamento e censura.

Gaspari, et al (2003), por sua vez, problematiza: a separação de meninas e meninos ou a aula mista na Educação Física. As turmas mistas fazem com que as crianças aprendam com respeito, cooperação, solidariedade e com suas diferenças. Ao mesmo tempo, o questionamento sobre os gêneros fica notavelmente mais fácil de ser levantado, o que seria um fator facilitador para os/as professores/as para trabalharem tal questionamento em suas aulas.

Seguindo essa linha de pensamento, a separação entre meninos e meninas durante as práticas de Educação Física apenas reafirmam as diferenças entre os mesmos, alimentando mais ainda a polarização dos sexos e deixando espaço para

se criar hegemonias masculinas e femininas. Ainda segundo os autores, existem diferenças entre os sexos que não podem ser negadas, como a maior força física dos meninos em relação às meninas. Porém, quando os alunos e alunas aprendem em conjunto, se conscientizam sobre essas diferenças e assim elas podem ser amenizadas, tornando a aula de Educação Física um ambiente igual para todos e todas, livre de estereótipos sexuais; um ambiente em que todos/as se sintam à vontade para se expressarem fisicamente independentemente do conteúdo trabalhado (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Não é simples ministrar aulas em conjunto, já que os meninos e meninas vão à escola já carregando estereótipos sexuais hegemônicos influenciados por outras práticas institucionais presentes na sociedade e na própria escola (CONNELL, 1996). Discordando com esse ponto, Freire (2002) diz que: *“por mais que compreenda a questão cultural envolvida no contexto social, manter esta separação seria o mesmo que reforçar o preconceito já existente, e conformar as pessoas, à sociedade, inclusive aos seus vícios”*. Além disso, muitas vezes, tentando justificar a separação entre os sexos, professores e professoras utilizam as diferenças de força e habilidade como argumento. Porém, Cruz e Palmeira (2009), apontam que *“só caberia essa justificativa se o objetivo da Educação Física fosse o rendimento”*, ou seja, os/as professores/as se esquecem de que o objetivo de suas aulas não é o alto rendimento, e sim proporcionar um ambiente de aprendizagem e de expressão igualmente para todos e todas.

Portanto, podemos dizer que as aulas mistas são uma importante forma de introduzir as questões de gênero na educação das crianças, conscientizando-as sobre o tema e ensinando-as sobre si mesmas. Ao mesmo tempo, é uma maneira de combater os preconceitos e estereótipos sexuais presentes nas práticas sociais e institucionais, como na própria escola por exemplo, ao invés de simplesmente aceitá-los e continuar reproduzindo-os, o que certamente amenizaria, no mínimo, as representações hegemônicas tanto masculinas, como femininas.

4. METODOLOGIA

O estudo se pautou pela utilização de uma abordagem metodológica qualitativa, de natureza descritiva-exploratória, enquadrando-se como um estudo de

caso empírico (MARCONI; LAKATOS, 2017). O estudo descritivo-exploratório objetiva descrever, analisar e interpretar fatos e fenômenos, exigindo uma gama de informações passíveis de inter relações pelo investigador, a partir de crenças e atitudes reverberadas (GIL, 2002; MARCONI; LAKATOS, 2017; TRIVIÑOS, 2017).

A partir do estabelecimento do marco teórico, no que Gil (2002) caracteriza como exploração preliminar, foi elaborado um relato de experiência sobre as ações e intervenções do pesquisador, enquanto um observador participante, no que diz respeito à aplicação de valores que visassem confrontar a masculinidade hegemônica em uma organização socioeducativa.

Para Marconi & Lakatos (2017), a observação participante consiste em efetiva participação do investigador no estudo, sendo, nesse caso, parte integrante dele, e, portanto, natural, uma vez que os relatos foram desenvolvidos durante o exercício da atividade prestada pelo investigador à organização socioeducativa. A partir do estabelecimento do marco teórico, no que Gil (2002) caracteriza como exploração preliminar, foi elaborado um relato de experiência sobre as ações e intervenções do pesquisador, enquanto um observador participante, no que diz respeito à aplicação de valores que visassem confrontar a masculinidade hegemônica em uma organização socioeducativa.

5. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Um dos principais pontos que mais me motivaram a fazer este trabalho foram minhas próprias impressões acerca do tema da masculinidade hegemônica. Essas impressões surgiram através de algumas experiências, sendo a principal delas o tempo no qual fui treinador voluntário no Projeto Social Raízes do Esporte, atuando na turma sub-13 de futebol. Isso ocorreu entre Agosto de 2018 e Dezembro de 2019, sendo um período de 3 semestres da faculdade de muito aprendizado e que tive a oportunidade de observar e participar de perto das questões da masculinidade hegemônica no treino de futebol.

O Raízes do Esporte é um projeto social fundado em 2017 por um grupo de alunos da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP (FCA) que se localiza na

cidade de Limeira-SP. O principal objetivo do projeto é ensinar futebol, através do futebol e do comprometimento social às crianças de 11 a 15 anos que moram na região da faculdade, que geralmente frequentam escolas públicas do bairro e não possuem condições financeiras muito boas. O projeto começou com apenas uma turma de futebol e hoje conta com turmas de basquete, tênis de mesa, vôlei e duas turmas de futebol, uma sub-11 e outra sub-13, além de contar com o apoio de docentes da própria FCA e patrocinadores da cidade e região (RAÍZES DO ESPORTE, 2018; OLIVEIRA, 2020).

Uma das características mais marcantes do Raízes do Esporte é o fato de que todas as suas turmas, independentemente do esporte e da faixa etária, são mistas, ou seja, meninas e meninos treinam juntos e realizam todas as atividades de maneira igual. Essa característica foi extremamente importante para observar os comportamentos que caracterizam a hegemonia masculina, pois dessa forma é possível presenciar suas relações tanto com outras masculinidades como suas relações com outros gêneros. Além disso, ter uma treinadora fazendo parte da comissão técnica foi fundamental para observar as diferenças do comportamento dos meninos em relação aos treinadores também.

A primeira turma, com a qual trabalhei era composta por poucos alunos (sendo a grande maioria deles meninos) que já faziam parte do projeto, ou seja, a maioria das crianças estavam começando a treinar naquele momento, e para muitas delas era a primeira vez que tinham a oportunidade de treinar futebol, principalmente no caso das meninas. Muitas já se conheciam da escola e até do bairro, o que facilitou e também dificultou algumas coisas, especialmente no quesito disciplina. Mas definitivamente, a experiência de praticar futebol com crianças do sexo oposto era novidade para a grande maioria delas, e essa era a maior dificuldade desse período.

Logo nos primeiros treinos, já foi possível notar o preconceito que vinha da maior parte dos meninos em relação às meninas praticarem futebol junto com eles, o que resultava em reclamações, xingamentos e expressões que inferiorizavam as meninas. Além disso, durante as atividades práticas, muitos meninos evitavam ao máximo passar a bola para as meninas, como se a pior hipótese de todas fosse ter que passar para uma menina do seu próprio time. A impressão que ficava era de

que os meninos preferiam realizar o passe mesmo para os meninos que tinham a menor habilidade com a bola do que para uma menina, mesmo que ela tivesse grandes habilidades para jogar futebol. Era como se houvesse uma ordem de superioridade para eles, sendo que os que mais mereciam jogar eram os meninos habilidosos, seguidos dos que tinham menos habilidade e aí sim, na parte mais inferior dessa pirâmide, se encontravam as meninas.

Dentro dos vários grupos dos meninos, era possível notar que haviam certas divisões e que isso refletia também dentro de campo, seja na hora de passar a bola ou de escolher as equipes. Os meninos que eram mais agressivos, tanto verbal quanto fisicamente, geralmente eram os “líderes” dos grupos, e não necessariamente precisavam ser os fisicamente maiores e mais fortes. O comportamento e a personalidade agressiva, desafiadora, era o que mais impunha respeito entre os meninos e os transformava nos líderes. Muitos deles geralmente reproduziam esses comportamentos que vinham do “líder” do grupo, e ficava evidente que isso também acontecia na escola e provavelmente em todos os círculos sociais que fazem parte das vidas deles. Portanto era muito complicado minimizar as questões da masculinidade hegemônica no começo, pois mesmo que conseguíssemos fazê-lo ali naquele ambiente do treino, sabíamos que fora dele aqueles comportamentos e padrões que caracterizam a hegemonia masculina era o normal para esses meninos, pois eles precisavam ser daquele jeito na escola e na rua para fazerem parte do grupo, para serem considerados homens.

Para reverter essas situações e ensiná-los sobre as questões de gênero e sua importância para uma sociedade mais justa, nós, treinadores e treinadoras do projeto, tentamos várias abordagens diferentes. Durante as conversas iniciais dos treinos, que ocorriam antes de qualquer atividade prática, debatíamos em algumas ocasiões sobre o futebol feminino e relacionávamos com situações que ocorriam nos treinos. Essas conversas mostravam para os meninos e para as próprias meninas, como elas também amam o futebol e sentem prazer em jogá-lo, nem mais e nem menos que os meninos. Isso fez com que a maioria dos meninos começasse a enxergar positivamente o fato de ter meninas jogando futebol junto com eles.

Nas conversas finais as crianças tinham a oportunidade de dar o feedback do treino e das atividades, e nesse momento as meninas no geral e os meninos mais

excluídos do grupo ganhavam mais voz e nós aproveitávamos esses momentos para levantar novamente questões de igualdade para todos, dentro e fora dos campos. Esses debates também foram cruciais para que as crianças começassem a enxergar suas diferenças com um olhar menos carregado de julgamentos e preconceitos, o que minimizou situações caracterizadoras da masculinidade hegemônica e do próprio machismo. Além dessas estratégias utilizadas nas conversas iniciais e finais, durante as atividades também sempre buscávamos encorajar as meninas com gritos de incentivo e tentávamos ao máximo ministrar à elas posições e responsabilidades importantes, como, por exemplo, ser capitã do time ou realizar cobranças de pênaltis.

Apesar da dificuldade, aos poucos esse quadro repleto de hegemonia masculina foi se transformando positivamente. Alguns meninos já incluíam as meninas nas atividades com facilidade, outros ficaram menos agressivos e passaram a respeitar mais seus colegas e treinadores. Além disso, um dos fatores mais importantes para reverter essa situação foi a própria luta das meninas, que começaram a se impor e a cobrar seus direitos de estarem ali e de jogar futebol como qualquer pessoa, mostrando uma maturidade muito grande acerca das questões de gênero.

Com o passar dos meses e a continuidade do ensinamento de valores sociais como o respeito, igualdade e solidariedade, considerados pilares do projeto social, esse quadro ficou cada vez melhor. Nós, treinadores, já não precisávamos lembrar os meninos o tempo todo durante as atividades práticas de passar a bola para as meninas, pois isso já havia se tornado algo normal para eles. Muitas vezes, as próprias crianças, inclusive vários meninos, cobravam a inclusão das meninas de seus colegas quando percebiam que alguma delas estava participando pouco da atividade. Essa mudança foi uma das mudanças mais drásticas que eu pude observar durante esse período, quando comparo a minha entrada no projeto com as últimas semanas em que estive lá.

Outra mudança positiva que pude notar, foi a diminuição de comportamentos e expressões verbais que têm o objetivo de inferiorizar outra pessoa. Com isso, muitas crianças se aproximaram e o respeito mútuo cresceu, o que minimizou algumas reproduções de comportamentos caracterizantes da masculinidade hegemônica que excluíam meninos e meninas das práticas, e melhorou as relações entre os meninos

e deles com as meninas também. Apesar das muitas mudanças positivas, muitos desses comportamentos estão enraizados na nossa cultura e educação, seja dentro de nossas famílias, nas escolas, religiões e outras práticas institucionais, e por tal motivo, sempre haverá algo a se ensinar e melhorar no aspecto das questões de gênero. Porém, o mais importante, é saber que existe a possibilidade de problematizar essas questões com as crianças através do futebol e outros esportes, e que podemos utilizar essa ferramenta para transformar nossa sociedade para ser mais igualitária e justa com todos.

6. PEDAGOGIA DO JOGO VERSUS MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Freire (2011) advoga que o futebol é pensado como uma possibilidade de ensino-aprendizagem e as experiências vividas pelas crianças através das brincadeiras de rua, especificamente, neste caso, as que são de bola com os pés, fazem parte de um processo o qual o autor batiza de 'Pedagogia de Rua' (SCAGLIA, 1999; 2003; 2011; FREIRE, 2011).

Pela Pedagogia da Rua, as crianças devem ser ensinadas através das brincadeiras de rua pelas escolas de futebol, que devem transformá-las em uma pedagogia, para que esse aprendizado não seja apenas uma repetição do que ocorre nas ruas, como alude Freire (2011): "*Há, na pedagogia de rua, diversas coisas que não gostaria de ver repetidas na escola.*" Algumas dessas "coisas" que o autor teme ver acontecendo nas escolas da mesma forma que acontecem nas ruas, certamente estão relacionadas à masculinidade hegemônica e conseqüentemente à exclusão, discriminação e preconceitos que ela traz. Freire (2011), então, propõe quatro princípios pedagógicos fundamentais para a pedagogia do futebol: ensinar futebol a todos, ensinar futebol bem a todos, ensinar mais que futebol e ensinar a gostar de esporte.

O primeiro significa que todos possuem o direito de aprender futebol, e não apenas os que têm mais habilidade para tal, ou pessoas de determinada etnia ou classe social, ou ainda os que possuem condições financeiras melhores. Ou seja, se tratando do sexo masculino, os que fazem parte de masculinidades marginalizadas

e/ou excluídas têm o mesmo direito de aprender futebol que os meninos/homens que usufruem dos privilégios da masculinidade hegemônica.

O segundo princípio reforça o primeiro, propondo que todos devem evoluir e melhorar suas habilidades no futebol. Já o terceiro, visa que as crianças aprendam não apenas o jogo de futebol em si, mas que aprendam com ele valores sociais, morais, culturais, entre outros, para que também se tornem melhores pessoas e cidadãos da sociedade em que vivem. Por último, o quarto princípio diz respeito à importância de ensinar as crianças a gostarem de esporte e levarem para sempre os aprendizados obtidos através do mesmo.

Ainda que todos os princípios pedagógicos de Freire (2011) constituam metodologicamente o ensino do futebol no projeto Raízes do Esporte, o terceiro princípio é o que parece ter uma ligação mais forte com o mesmo, já que a preocupação em ensinar valores sociais, morais, éticos e culturais durante os treinos é constante e está refletida em cada ação e planejamento dos treinadores e treinadoras, além da diretoria e todas as áreas que são componentes do projeto.

Também é neste princípio que a problematização da masculinidade hegemônica se encaixa, pois ao criarmos a possibilidade do diálogo horizontal e da problematização, se torna possível ensinar às crianças a possibilidade de desenvolver uma consciência crítica. Essa capacidade de refletir sobre a sociedade em que vivem, suas próprias ações e história, é fundamental para que elas se tornem menos alienadas, livres e mais propensas a aceitarem o “outro” e suas diferenças, deixando de lado os pensamentos, preconceitos, padrões e comportamentos considerados normais pela sociedade na qual vivemos e que caracterizam a hegemonia masculina.

Essa linha de pensamento vai ao encontro a de outro Freire: Paulo Freire, patrono da educação brasileira. Para este autor, uma educação problematizadora da realidade tem o potencial para o desenvolvimento da consciência crítica citada anteriormente, e com ela a emancipação do homem pode ser alcançada. A emancipação simplesmente é “o processo de libertação política, cultural, humana e social de todos os oprimidos, que se libertam a si e aos opressores” (FREIRE, 1979, 2018; RIBEIRO, 2018).

No caso da masculinidade hegemônica, os oprimidos são os que não desfrutam dos regalos da mesma, ou seja, os indivíduos marginalizados pela sociedade, pertencentes às classes sociais pobres, etnias e grupos sociais marginalizados, além de gêneros que não sejam o homem heterossexual. Os opressores, por sua vez, são os homens que fazem parte da masculinidade hegemônica, de classes sociais mais ricas e privilegiadas, brancos, heterossexuais e que seguem todos os padrões e comportamentos normatizantes de sociedades capitalistas como a qual nós estamos inseridos.

Os sujeitos que compreendem seu lugar no mundo ao adquirir, a partir da educação, alcançando o que Freire (1979) chama de consciência transitivo-crítica, tendo, assim, maior capacidade de transformação do mundo em que vivem e se tornam responsáveis pela sua própria história, o que significa que eles não aceitam sua condição de oprimidos e não a justificam com explicações místicas, não utilizando argumentos como o destino ou a própria vontade de Deus. Esses sujeitos agora têm consciência de que são oprimidos porque existem os opressores, além de que esta situação deve ser transformada ao mesmo tempo em que o mundo ao seu redor também é transformado.

Portanto, os princípios pedagógicos de Freire (2011) são plenamente passíveis de associação aos conceitos de práxis e emancipação de Freire (1979; 2018): a Pedagogia da Rua, se adotada e adaptada para ser utilizada nas escolas abre as portas para uma educação problematizadora e criadora de sujeitos conscientes e críticos; uma educação que visa à emancipação do homem possibilita que ideias como a pedagogia da rua sejam trabalhadas por indivíduos possuintes de consciência crítica em instituições que formam cidadãos, tanto em escolas regulares quanto em escolas de futebol.

A materialização dos conceitos acima é evocada pela Pedagogia do Jogo, enquanto abordagem pedagógica que sustenta uma proposta didático-metodológica progressista ao ensino de esportes, constituída por Scaglia (2020). Isso porquê, a Pedagogia do Jogo tem suas bases epistemológicas fincadas na teoria do conhecimento interacionista e almeja a emancipação e a contemplação da humanidade através do ato de jogar.

O objetivo da Pedagogia do Jogo, de um ponto de vista pedagógico, é “a busca por uma pedagogia emancipatória e humanizante, aliada a essência subversiva e imanente do jogo, revelando-se no ato de jogar” (SCAGLIA, 2020). A Pedagogia do Jogo, portanto, carece de compreensão e comprometimento por parte dos professores(as) e treinadores (as), pois tem extrema importância para a construção de uma sociedade mais amigável, justa e igual para todos os seres humanos, e que, por tabela, confronte a masculinidade hegemônica, para mostrar como a transformação do mundo ao nosso redor tem início em nossas próprias consciências e em nosso desejo de libertar os oprimidos sociais, para que possamos ser aceitos/as em todas as esferas sociais em que vivemos, livres de hegemonias e discriminação.

7. CONCLUSÃO

Após estudar sobre o tema na literatura, e além disso, estudar sobre teorias e propostas pedagógicas de autores que são grandes referências na pedagogia, como a Pedagogia do Futebol, a Pedagogia do Jogo e as obras de Paulo Freire, é evidente que o tema está sendo cada vez mais o objeto de estudo central de pesquisadores, e que a problematização da masculinidade hegemônica na literatura nos dá recursos, como propostas e ideias, combatidas na prática.

Digo “nós”, porque somos treinadores e treinadoras, professores e professoras, e educadores e educadoras, e temos uma grande responsabilidade na formação de pessoas, de seus valores sociais, éticos e morais, que vão além do desenvolvimento técnico, cognitivo e intelectual específicos das nossas diferentes áreas de atuação. Temos o dever de combater, diariamente, qualquer tipo de preconceito, discriminação e a exclusão de pessoas, sendo que todos estes possuem forte relação com a masculinidade hegemônica.

Em relação à minha base empírica sobre o tema, fundamentada nos treinos de futebol para meninos e meninas de 11 a 13 anos no Projeto Social Raízes do Esporte, nos quais tive participação direta, os resultados são extremamente positivos ao analisar o desenvolvimento social e moral da grande maioria das crianças, e conseqüentemente, a diminuição de situações nas quais prevalecem as

influências da masculinidade hegemônica, como a discriminação e exclusão de meninos e meninas.

Portanto, concluo este estudo salientando a importância da investigação do tema em diversos contextos, já que precisamos estudar este fenômeno social para que seja possível contorná-lo. Pesquisas e estudos que problematizam as questões de gênero na nossa sociedade devem ser cada vez mais comuns e importantes na formação das pessoas em todas as etapas da educação, e novas ideias e propostas pedagógicas emancipatórias e humanizantes devem ser, no mínimo, testadas e aceitas como uma opção real de criarmos uma sociedade mais igual, livre de discriminações e exclusões sociais, independentemente de qualquer característica de qualquer indivíduo.

REFERÊNCIAS

BOTTON, F. B. A masculinidade em questão: uma perspectiva de construção teórica. Revista Vernáculo, n. 19 e 20, PR, Brasil, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/article/>> acessado em 23/12/2020.

CONNELL, R. W. Masculinities: knowledge, power and social change. Los Angeles: University of California Press, 1995.

CONNELL, R. W. Teaching the boys: New research on masculinity, and gender strategies for schools. Nova Iorque: Teachers College Record, 1996. p.206-235.

CRUZ, M. M. S; PALMEIRA F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. Motriz, Rio Claro, v. 15 n. 1, p.116-131, 2009.

FELIPE, J. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. Pro-Posições, v. 18, n. 2 (53), 2007.

FREIRE, J. B. S. Educação física de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 2002.

FREIRE, J. B. S. Pedagogia do futebol. 3ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 66ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

G1.globo.com. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha, 13/01/2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>

aberto em 10. Dez. 2020.

GARDINER, J. K. Men, masculinities, and feminist theory. In: KIMMEL, M. S. HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Orgs.), Handbook of Studies on Men and Masculinities Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. p. 35-50.

GASPARI et al. Possibilidades da Educação Física na escola: ouvindo os professores. In: Anais do VII EnFEFE. Niterói: Universidade federal Fluminense, 2003.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIFFIN, P. Gender as a socializing agent in physical education. In: SCHEMPP, T.J.T.P.G. (Org.). Socialization into physical educational: learning to teach. Indianapolis: Benchmark, 1989. p. 219-234.

KIMMEL, M. S.; MESSNER, M. Men's lives, 3ª ed. Boston: Allyn & Bacon, 1995.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 7. ed., Petrópolis: Vozes 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 8ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MATOS, M. I. S. de. Por uma história das sensibilidades – a masculinidade. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, 2001. p. 45-63.

OLIVEIRA, M. F. Impacto de um projeto social esportivo no contexto universitário; 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2020.

RAÍZES DO ESPORTE (Projeto Social). 2018. Estatuto oficial do projeto. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/raizesdoesporte/about/?ref=page_internal> aberto em 17. Dez. 2020.

RIBEIRO, A. S. Conscientização e emancipação em Paulo Freire. Sinergia, São Paulo, v. 19, n. 1, 2018. p. 16-20.

SAFFIOTI, H. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

SANTOS, F. B.; POSTINGUEL, D. Masculino plural e comunicação publicitária: A dinâmica atualização da masculinidade hegemônica. Novos Olhares, v. 5, n. 1, 2016. p. 79-89.

SCAGLIA, A. J. O futebol que se aprende e o futebol que se ensina. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas 1999.

SCAGLIA, A. J. O futebol e o jogo/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A. J. O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés. São Paulo: Phorte, 2011.

SCAGLIA, A. J.; PEREIRA, A. S.; REIS, F. P. G.; CARNEIRO, K. T. Pedagogia das lutas/artes marciais: do ambiente de jogo à sistematização do ensino. Curitiba: Brasil Publishing, 2020 (no prelo).

SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P.; GOELLNER, S.V. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 22, n. 3, p.219-233, 2008

SOARES, D. Z.; CHARLES, C.; CERQUEIRA, C. C. A. X. Femicídio no Brasil: gênero de quem mata e quem morre. In: XIII ENANPEGE, 2019, São Paulo. Anais: A Geografia Brasileira na Ciência-Mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento. São Paulo, 2 a 7 set. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. 22ª reimp. São Paulo: Atlas, 2017.

VALE DE ALMEIDA, M. Corpo presente: antropologia do corpo e da incorporação. In: VALE DE ALMEIDA, M. (Org.). Corpo presente: treze reflexões antropológicas do corpo. Oeiras: Celta, 1996. p.1-22.

VALE DE ALMEIDA, M. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Edição Fim de Século, 2000.